



CONFLITOS RELIGIOSOS NO BRASIL ENTRE IMIGRANTES PROTESTANTES E CATÓLICOS NO SÉCULO XIX: UM OLHAR CATÓLICO DOS PROTESTANTES

Josiane Velten

1. Contexto imigratório alemão

1.1 Causas da imigração

Alemanha do século XIX enfrentava drásticas crises econômicas, políticas e sociais. Os novos processos de manufatura, causados pela revolução industrial, desestruturaram a lógica trabalhista e mercantil da população. Custos altos, desvalorização da mão-de-obra e diminuição da expectativa de vida ameaçavam as condições elementares da subsistência, de modo que, o próprio cotidiano dos alemães ameaçava a sua sobrevivência.¹

A emigração ocorreu devido à eliminação e/ou substituição de mão-de-obra, decorrentes das inovações fabris. As levas de emigrantes eram constituídas por “agricultores, artesãos e diaristas, portanto preponderantemente de pessoas das camadas mais pobres”². O domínio e o conhecimento destas atividades favoreceram a permanência em solo brasileiro.

O levantamento de dados aponta “que desde o início do século XVIII mais de cinco milhões de alemães foram para os Estados Unidos e que, entre 1820 e 1924, mais de sessenta milhões de pessoas emigraram da Europa”.³ Outras referências também apontam o

¹ PRIEN, Hans Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001. p. 27.

² PRIEN, 2001, p. 29.

³ FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808 – 1824 – 1974*. São Paulo: Copyright, 1974. p. 15.

Brasil como sendo um grande receptor de imigrantes: “Depois dos Estados Unidos, foi o Brasil o país que adquiriu o maior contingente de imigrantes alemães [...]”.⁴

A necessidade de emigrar ficou mais evidente após o rigoroso inverno e a falta de alimentos no sudoeste alemão entre os anos de 1816 e 1817. Por considerarem o Brasil um país de "terras virgens", os emigrantes se sentiram sobremaneira atraídos pelo país. Ainda que não estivessem noção da precariedade da viagem e dos assentamentos no país, este pensamento esperançava-os, pois se lhes oferecia o que não tinham.⁵

No Brasil, a maior concentração de emigrantes localizou-se nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, seguidos, em quarta posição, pelo Espírito Santo, “lugar em que há de 80 a 100.000 alemães ou descendentes”.⁶ Percebe-se, portanto, a importância da imigração alemã na construção do país, bem como a dimensão de suas influências culturais, religiosas, sociais e econômicas.

O protestantismo é um dos desdobramentos da imigração que, paulatinamente, foi se estabelecendo em terras brasileiras. O catolicismo, enquanto religião oficial, se sentiu ameaçado e, não raras vezes, manifestou-se de maneira defensiva frente aos alemães. Convicções divergentes eram claramente observadas, ao passo que insultos, desavenças, e intrigas permeavam suas interações.

1.2 Viagem ao Brasil: depoimento de um imigrante

O relato de Johann Ludwig Bauer, natural de Barmstedt, em Holstein, exemplifica as condições de viagem e expectativas dos primeiros emigrantes alemães. Em 5 de abril de 1824, Bauer, a bordo da embarcação "Anna Louise", acompanhado por sua família, registra em seu diário a experiência da travessia rumo à nova Pátria, a saber, o Brasil.⁷ O próprio autor relata momentos vivenciados no navio. Sua ênfase recai sobre a coragem e ousadia dos e das imigrantes. Já no Brasil, continuando seu diário, Bauer se queixa das péssimas condições de vida, em especial, sobre as condições precárias de trabalho e da pobreza, mas principalmente, sobre a submissão ao regime de governo.

⁴ FOUQUET, 1974, p. 18.

⁵ PRIEN, 2001, p. 27.

⁶ FOUQUET, 1974, p. 18.

⁷ BRUGGER, Rita Bromberg. *Diário de um imigrante*. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2000. Não paginado.

Recém-inaugurado, o Império brasileiro precisava de mão de obra. O incentivo ao povoamento, principalmente da região Sul, foi, em princípio, uma alternativa de responder positivamente a esta carência. D. Leopoldina, esposa de D. Pedro, sugeriu que se convidassem famílias austríacas, uma vez que seu pai, Francisco I, era o Imperador do Império Austro-Húngaro. D. Pedro ofereceu meios de sobrevivência para as famílias imigradas: cidadania brasileira, terras, animais, ferramentas, liberdade de credo, auxílio financeiro nos primeiros meses de estadia e isenção de impostos por dez anos.

O intermediador no processo emigratório, major Jorge Antônio von Schaeffer, acabou sendo impedido, pelo chanceler da Áustria, de possibilitar a continuidade desse processo. A vizinha Alemanha, diferentemente, não colocou tantos impedimentos, o que fez com que o major von Schaeffer iniciasse uma campanha de emigração entre os territórios alemães para o Brasil. Assim como este, outros empreendedores ousaram estimular pessoas à emigração na Alemanha, anunciando melhores condições de vida nas regiões sul do Brasil.

A campanha para emigração ecoou e famílias passaram a considerar a possibilidade de emigração. Decidida a emigração, os documentos eram oficializados em Hamburgo, onde os seus pertences também eram selecionados para a partida. Animais e móveis eram vendidos, a fim de arrecadar dinheiro para recomeçar no Brasil.

A religiosidade estava presente na vida dos emigrantes. Reafirmaram sua fé para tomar a melhor decisão e pediram, incessantemente, por proteção e cuidado de Deus. A despedida era a mais dolorosa para aquelas pessoas que ficavam. Talvez fosse um adeus. Medo e angústia eram os principais sentimentos daqueles e daquelas que partiam, mas também daqueles e daquelas que permaneciam.

Centenas de pessoas esperavam a embarcação no cais de Hamburgo. O embarque só era realizado mediante apresentação de documentos. Estes eram compostos por um certificado, renunciando a nacionalidade alemã e garantindo a cidadania brasileira. O certificado era emitido pelo major Schaeffer após pagamento de 10% dos bens possuídos. Cada pessoa pagava 100 florins pela viagem. Despediam-se de sua pátria, olhando pela última vez para a torre da Igreja de São Miguel.

A embarcação continha seis canhões a bordo para eventual ataque de saqueadores em alto mar. Aos poucos, a calma da viagem permitia novas relações com pessoas que estavam na mesma situação e faziam parte dessa longa viagem monótona por causa vastidão da água e do céu. O comandante chamava-se Hinrich Knaak. A viagem durava em

torno de 100 dias até o Brasil.⁸ As pessoas falecidas durante a travessia eram enroladas em lençóis, amarradas em sacos de areia, para terem mais peso, e lançadas ao mar. O frio da Europa vagarosamente fora deixado para trás. Velejando no Oceano Atlântico em direção ao sul, o calor intenso começava a ser percebido. As noites e madrugadas também começaram a ficar insuportáveis. O calor não permitia que as pessoas permanecessem na parte inferior do navio. Mais de um mês depois do início da viagem, em 16 de maio, o comandante anuncia mais 40 dias de viagem até o Brasil. Quando terra firme foi avistada, houve júbilo na embarcação. E finalmente, no dia 4 de junho, o navio ancorou na baía de Guanabara.⁹

2. Contexto brasileiro na chegada dos imigrantes

A chegada em solo brasileiro foi de grande comoção. O comandante da navegação se despediu e as famílias desembarcaram no Rio de Janeiro. A família imperial veio ao seu encontro vestida impecavelmente, em roupas de tons verde e detalhes em ouro. “(...) debaixo de um toldo todo enfeitado com bandeiras, encontrava-se o Casal Imperial (...)”.¹⁰ Os escravos, remando, conduziam a embarcação.

O espaço de moradia dos imigrantes no Rio de Janeiro era provisório. Tratava-se de um galpão de chão batido e folhas secas sob o telhado que oferecia proteção precária às famílias imigrantes. Sentiam-se observadas intensamente pelos negros e índios, o que lhes causava certo desconforto. Em fins de junho, pouco mais de um mês em solo brasileiro, começaram os preparativos para a viagem a Porto Alegre. Alguns imigrantes, contudo, permaneceram no Rio de Janeiro, envolvendo-se em diferentes atividades. Homens jovens, por exemplo, tornaram-se soldados e foram incorporados ao exército. Outras pessoas permaneceram trabalhando na colônia, onde haviam se firmado logo na chegada da Alemanha. O restante do grupo resolveu seguir viagem, que deveria durar em torno de duas semanas até Porto Alegre.

Relatos confirmam que, durante a travessia na Lagoa dos Patos, já no Rio Grande do Sul, o enjoo era insuportável. Por não ser uma região de águas profundas, a embarcação ficava muito mais agitada. Chegando próximo a Porto Alegre, foram recebidos e recebidas

⁸ BRUGGER, 2000. Não paginado.

⁹ BRUGGER, 2000. Não paginado.

¹⁰ BRUGGER, 2000. Não paginado.

pelo presidente da província. Em sua fala de boas-vindas, o mesmo destacou que as pessoas imigrantes seriam um presente para o país.

De Porto Alegre, os imigrantes rumaram em direção ao Vale do Rio dos Sinos, passando pelo Rio dos Sinos e ancorando, finalmente, no dia 23 de julho no Porto de Telhas.¹¹ Assim, a viagem desde a saída de Hamburgo durou aproximadamente 112 dias.¹² Em São Leopoldo, o alojamento inicial ocorreu nas antigas casas dos escravos, até que tivessem terras destinadas à moradia. Tratava-se de um alojamento situado mais precisamente na região chamada de Feitoria, perto de onde ancoravam os marinheiros, por ser uma região de planície próxima do rio. O número deste primeiro grupo de imigrantes chegados a São Leopoldo era de aproximadamente 38 pessoas.

No mês de agosto, o grupo ainda aguardava a medição de terra para poderem fixar residência definitiva. Enquanto isso, iam se familiarizando com a cultura gaúcha. O pinhão assado em brasa ajudava na alimentação. No contato com os indígenas, aprenderam a plantar mandioca e fazer a farinha. Assim, aos poucos iam se adaptando à nova realidade.¹³

2.1 A religiosidade dos imigrantes

A imigração alemã contribuiu significativamente para o Brasil. Essa contribuição está principalmente atrelada à abertura religiosa que foi proporcionada com a chegada dos imigrantes. Por continuarem cultivando sua religião, “(...) o protestantismo chega ao Brasil para ficar”¹⁴, se deparando, porém, com o catolicismo. Mesmo enfrentando ferrenhas objeções, protestantes conquistaram seu espaço e mantiveram a chama da fé acesa.

No Rio Grande do Sul não foi diferente. Os protestantes se estabeleceram e logo fundaram suas igrejas e escolas.¹⁵ Em média de 4800 imigrantes alemães já haviam se estabelecido nessa região até 1830. Em São Leopoldo, o primeiro pastor, cujo nome era Johann Georg Ehlers, atuou de 1826 a 1844. Fora contratado pelo major Schaeffer e enviado

¹¹ Essa afirmação torna-se bastante interessante, pois a partir disso, podemos analisar que a primeira leva de imigrantes não teria desembarcado no dia 25 de julho como é celebrado na festa do colono, mas segundo pesquisas, estes chegaram mais precisamente no dia 23 de julho de 1824.

¹² BRUGGER, 2000. Não paginado.

¹³ BRUGGER, 2000. Não paginado.

¹⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995. p. 81.

¹⁵ REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2003. p. 58.

ao Brasil, especificamente à cidade de São Leopoldo, com a incumbência de pregar.¹⁶ Os cultos protestantes eram realizados na língua materna dos imigrantes. Entendiam “que a manutenção do idioma era essencial à conservação da fé evangélica”.¹⁷

A moradia dos imigrantes, na região Sul do Brasil, foi nomeada oficialmente como Colônia Alemã de São Leopoldo. Nesse período, é possível perceber certa estabilidade conquistada pelos imigrantes. Pastor Ehlers destaca, em alguns de seus relatórios, como a vida religiosa era primordial aos imigrantes, mantendo-os sempre em contato com suas raízes. Também num sentido cultural, o pastor Ehlers considera a colônia de São Leopoldo como “uma extensão da Alemanha”¹⁸. Fala-se principalmente da língua, dos trajés e dos costumes como sendo traços típicos da antiga pátria.

A vila de São Leopoldo também possuía fortes traços da diferença cultural. Fundada em 1829 por José Maciel¹⁹, era composta por escolas, uma prisão e uma Igreja Católica. A população da vila era composta aproximadamente por 1.200 pessoas. Essas pessoas, somadas às 5.400 da colônia, totalizavam uma população de cerca 6.600 habitantes.²⁰

“(…) um pouco mais de dois terços pertencem à Igreja Evangélica, e um terço à Igreja Católica Romana. Considerando que pertencem ainda à Igreja Católica de São Leopoldo as colônias portuguesas de Sapucaia e do Pinhal, as duas comunidades [evangélica e católica], têm mais ou menos o mesmo número de membros. Os católicos têm atualmente quatro templos, a saber, um na cidade e os outros três nas picadas de mata virgem. Os evangélicos têm agora sete templos, a saber, um na cidade, três nas picadas da mata virgem, três no campo e um ainda em construção...”²¹

Nesse ambiente, onde o catolicismo era a religião oficial, os protestantes se sentiam desconfortáveis, sofrendo drasticamente com a opressão. Manter o catolicismo era fundamental no contexto brasileiro, não sendo permitida a abertura para o protestantismo. Algumas famílias, por medo e insegurança, viviam na mata virgem e acabaram sendo tachadas de monstros. “Quando a colônia foi fundada há vinte anos, os brasileiros

¹⁶ ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio (Orgs.). *Anais do VI seminário nacional de pesquisadores da história das comunidades Teuto-Brasileiras*: julho de 2002 – Santa Cruz do Sul/RS. São Leopoldo: Oikos. 2004. p. 38.

¹⁷ REILY, 2003, p. 58.

¹⁸ REILY, 2003, p. 64.

¹⁹ REILY, 2003, p. 64.

²⁰ REILY, 2003, p. 65.

²¹ REILY, 2003, p. 65.

consideravam os protestantes como monstros; na mata virgem viviam selvagens rudes.”²² Nesse sentido, “os brasileiros” se tratavam especificamente dos católicos.

3. Principais conflitos entre protestantes e católicos

O protestantismo surge no Brasil, atrelado à imigração alemã. A “abertura do Brasil ao protestantismo representou uma ameaça à religião majoritária no Brasil, que buscou manter sua hegemonia.”²³ Durante certo período foi possível mantê-la, mas com o avanço do protestantismo chegando à 50% da população de fala alemã, o controle não foi mais possível.

A construção do catolicismo e protestantismo foi cercada por lutas que marcaram a identidade de ambos. Estas lutas estavam relacionadas com a estigmatização do protestantismo. Seu principal objetivo era “demarcar as fronteiras religiosas/confessionais e, desta forma, construir e preservar a unidade.”²⁴ Nesse sentido, o protestantismo é denominado como ruim e principalmente como aquele que traz a discórdia, ameaçando a religião estabelecida.²⁵

O confronto entre protestantes e católicos foi mais perceptível no final do século XIX, quando jornais católicos combateram, por meio de publicações, os protestantes. As principais publicações contraofensivas podem ser encontradas no jornal protestante *Sonntagsblatt*. A estigmatização foi uma das formas mais concretas encontradas pelo catolicismo para “construir e preservar a unidade dos respectivos grupos.”²⁶

O jornal *Sonntagsblatt* surgiu em 1887,²⁷ período que, no Brasil, o protestantismo era somente “tolerado”. A “aceitação” ocorreria somente com a Proclamação da República.²⁸ Analisando jornais católico e protestante, percebe-se uma trajetória de inferiorização do

²² REILY, 2003, p. 65.

²³ WACHHOLZ, Wilhelm. *Religiões e seus mecanismos de exclusão: um ensaio*. In: SCHAPER, Valério Guilherme; WESTHELLE, Vítor; OLIVEIRA, Katthlen Luana de; GROSS, Eduardo (Orgs.). *Deuses e Ciências na América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 289.

²⁴ WACHHOLZ, 2012, p. 289.

²⁵ WACHHOLZ, Wilhelm. Identidades religiosas em confronto: o caso dos Deutsches Volksblatt (católico) e Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien e Deutsche Post (protestantes). In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (Orgs.). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 353.

²⁶ WACHHOLZ, 2012, p. 289.

²⁷ WACHHOLZ, 2012, p. 290.

²⁸ WACHHOLZ, 2012, p. 290.

“protestantismo de imigração”. Essa inferiorização, por sua vez, interfere fortemente na construção da identidade protestante que é exatamente constituída pelos embates entre católicos.²⁹ A partir do momento que os embates aconteciam, o protestantismo reafirmava sua identidade, tornando sólidas as principais características que acreditavam discrepar dos católicos. Na citação a seguir fica explicitado um exemplo de conflito. Trata-se de uma citação de um conflito extraído do jornal protestante *Sonntagsblatt*, retirado do jornal católico-romano *Western Wachtmann*:

Afirmar que as Igrejas Protestantes oferecem o suficiente para tornar bem-aventurados seus próprios membros, é ridículo, uma vez que elas não possuem nem poder nem autoridade, para tornar alguém bem-aventurado. Deus não tem nada a ver com eles, e o poder espiritual deles está no mesmo nível de sociedades esportivas ou sociedades literárias. O protestantismo foi fundado por pessoas desobedientes para fins impuros e não cristãos e o triunfo de qualquer seita protestante em qualquer lugar significa a derrota do cristianismo naquele lugar. O protestantismo é um crime contra Deus e um escândalo para a humanidade, mas a opinião pública se coloca no meio e afirma que nenhuma pessoa pode ser punida por este crime.³⁰

A estigmatização resulta justamente em ações de forte opressão. O próprio “termo ‘protestante’, é evocado pejorativamente pelo catolicismo e explorado de forma a ridicularizar o protestantismo.”³¹ A ridicularização do protestantismo estava intrinsecamente relacionada aos seus “pontos fracos”. Nesse sentido, estigmatizar o protestantismo era expor de todas as formas possíveis seus pontos negativos.³²

Quanto à ofensa citada no *Sonntagsblatt* para com os protestantes, é interessante notar que a contra-estimagnização existiu nesse contexto. Nesse sentido, os fortes embates entre católicos e protestantes vem à tona por meio dos jornais. Em muitos momentos os protestantes precisaram amparar-se legalmente.³³

Os protestantes buscavam uma contra-estimagnização quanto às publicações. Nesse sentido, o jornal *Sonntagsblatt* publica, no dia 31 de outubro de 1898, um texto “visando ao

²⁹ WACHHOLZ, 2012, p. 353.

³⁰ Römische Offenheiten. *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeiden in Brasilien*. São Leopoldo, 16 nov. 1890, p. 4.

³¹ WACHHOLZ, 2012, p. 291.

³² WACHHOLZ, 2012, p. 291.

³³ MENDONÇA, 1995. p. 27.

equilíbrio e ao reconhecimento de sua cidadania”,³⁴ mas mesmo assim as discussões continuavam:

Contra esta piedosa confusão católica ou fantasia supersticiosa, a Reforma descobriu novamente uma verdade cristã, que foi trazida à tona e despertou a consciência das pessoas fiéis, sendo que o conhecimento do povo cristão havia se perdido completamente ou fora roubado por um clero [católico] ávido por dominação. Apesar de nossos pecados, não precisamos de tais intermediários [clero], mas pela fé em Cristo temos acesso livre para o Pai por causa do sacerdócio geral de todas as pessoas fiéis.³⁵

Esse “jogo” de estigmatizado e contra-estigmatizado, permanece. Ainda como enfoque final, o jornal católico *Volksblatt* ridiculariza uma publicação feita pelo jornal evangélico *Deutsche Post*, editado pelo pastor Wilhelm Rotermond. Essa publicação contextualiza a convicta quantidade de protestantes existentes em 1895.³⁶

Sob o título acima [A população do mundo de acordo com sua confessionalidade], recentemente (20 de agosto) o “*Deutsche Post*” trouxe um artigo com estatísticas, cuja exatidão nós precisamos rechaçar vigorosamente, apesar dos supostos “recentes cálculos científicos”. Nós nos limitamos aqui a um ponto, a saber, a indicação de que existem “200 milhões de cristãos evangélicos e 195 milhões de católicos”. “*D. Post*” afirma que exatamente 5 milhões de evangélicos a mais do que católicos habitam o mundo [...] O jornal até se dá a esperança de que no prazo de 100 anos os evangélicos terão ultrapassado em significativo número o de católicos”.³⁷

É perceptível a forte oposição, sendo que em muitos momentos pode-se analisar que estes estavam, sobretudo, relacionados com a identidade confessional de ambos, católicos e protestantes. Estigmatizar “outro” era demarcar seu espaço religioso.³⁸ Nesse sentido, o embate por parte do protestantismo estava especialmente relacionado com a preservação da identidade. Essa percepção ocorreu quando, no contato com o catolicismo, se deram conta de que existia “nós” e “eles”³⁹ e, por isso, se voltaram para suas raízes no contexto alemão, fortalecendo dia após dia sua tradição. A memória do protestantismo estava relacionada com costumes vividos no cotidiano na Alemanha antes da imigração para o Brasil.

³⁴ WACHHOLZ, 2012, p. 357.

³⁵ Zum Reformationsfest. *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien*. São Leopoldo, 6 nov. 1898, p. 3. apud WACHHOLZ, 2012, p. 357.

³⁶ WACHHOLZ, 2012, p. 357.

³⁷ Die Vervölkerung der Erde nach ihrem Religionsbekenntniß. *Deutsches Volksblatt*. Porto Alegre, 3 set. 1895, p. 2. apud WACHHOLZ, 2012, p. 357.

³⁸ WACHHOLZ, 2012, p. 358.

³⁹ WACHHOLZ, 2012, p. 358.